



**FUNDAÇÃO  
KISSAMA**

**2º Relatório - 2º Trimestre 2010**

**Versões/Versions: Português/English**

## VERSÃO PORTUGUÊS

Caros amigos,

O Segundo trimestre marca o final das chuvas e o início do cacimbo. Se eu pudesse escolher, este seria claramente o período menos atractivo nas matas da palanca. Em Abril o clima é quente e húmido, os rios transbordam, os solos estão saturados e água e o capim em rápido desenvolvimento é frequentemente impenetrável. Tudo isto torna o processo de nos movimentarmos na região, um exercício doloroso. Depois o clima muda subitamente quando entramos em Maio, quando as chuvas param. E durante Maio e Junho, o factor mais incomodativo é, sem dúvida, o longo e áspero capim. O capim caduco bloqueia a visibilidade, escondendo trilhos e picadas, entupindo os radiadores dos carros, e com as suas arestas afiadas facilmente cortando a pele quando caminhamos a pé.

Em qualquer caso, entrávamos numa fase crucial na Cangandala, à medida que as fêmeas no santuário completavam os primeiros 9 meses de confinamento na companhia do nosso macho dominante, pelo que tudo era possível... referíamos-nos ao nascimento de crias naturalmente! Namelhor das hipóteses elas poderiam parir em Maio, mas suponho que isso seria demasiado optimismo e o que é facto é que ainda não aconteceu. Os animais devem certamente precisar de mais tempo para se ajustarem à sua nova condição de semi-cativo e estou confiante que teremos as primeiras crias puras no próximo trimestre.

Apesar de tudo, registámos alguns sinais positivos nas nossas visitas. A primeira coisa que notámos foi que as fêmeas, apesar de se manterem ainda juntas, pareciam mais sensíveis, não permitindo a nossa aproximação como antes (Fotos 05, 06). Em claro contraste, o macho pareceu sempre muito calmo e protector da manada (Fotos 02, 03, 04). De todas as vezes que nos aproximámos do grupo, o macho ficava sereno entre nós e as fêmeas, enquanto permitia que estas se escapulissem rapidamente dentro da floresta densa. Conseguimos assim excelentes observações do macho, mas foi muito frustrante o facto de não conseguirmos observar as fêmeas adequadamente, o que era o nosso principal objectivo. Obtivemos contudo breves avistamentos das fêmeas, e a impressão geral foi a de que estas se apresentavam luzidias, saudáveis e gordinhas... nalgumas fotos pareceram claramente poderem estar prenhas (Foto 07)...

Por outro lado, a monitorização rotineira dos híbridos (Fotos 08, 09, 10) no resto do parque através das câmaras ocultas, revelou uma grande surpresa: os híbridos afinal serão capazes de se reproduzirem! Isto foi totalmente inesperado já que nos últimos anos nunca detectámos nenhum indício de que isso pudesse ocorrer. O primeiro registo perturbador foi uma fotografia da Anastácia (a primeira híbrida capturada – também conhecida como a nossa “Judas” já que foi ela que traiu o restante grupo durante a operação de capturas), sozinha numa salina e mostrando claramente as tetas inchadas (Foto 13). É ainda incerto se ela chegou mesmo a parir mas sugere claramente comportamento reprodutivo e gravidez (com sucesso ou não). Mas a bomba não demoraria, quando uma sequência mostrou a manada híbrida, na qual uma das fêmeas mais velhas surgiu acompanhada de uma jovem cria com um par de meses (Foto 11). E como se

não bastasse, outras fotos mostraram típica interacção mãe-filha (Foto 12). É um facto: os híbridos são férteis!

A questão mais óbvia e imediata, e para a qual ainda não temos resposta, é: quem foi o maldito pai dessa pequena cria? Ou, por outras palavras, que tipo de novo híbrido temos nós agora? Até aqui todos os híbridos se presumia serem F1's (o produto do cruzamento de uma palanca negra com uma palanca vermelha), mas agora teremos algo diferente, ou um F2 (híbrido F1 X híbrido F1), ou um *backcross* (híbrido F1 X palanca vermelha ou negra). Este último tipo significará um animal que é 75% de uma espécie e 25% de outra espécie. As implicações de ser um ou outro tipo de híbrido pode ser relevante. Enquanto que um F2 provará que os híbridos podem, pelo menos ocasionalmente, reproduzir-se entre eles, um *backcross* colocará um novo tipo de ameaça real e imediata de contaminação de uma das espécies parentais.

A minha convicção é que estaremos a lidar com F2's, principalmente porque o grupo híbrido tem sido permanentemente escoltado por um macho híbrido impressionante (Fotos 14, 15). No passado, a manada não dispunha de um macho "residente" adulto, e isto é o que deve ter levado as fêmeas puras a seduzirem machos de palanca vermelha, mas desde o ano passado, este jovem macho híbrido tomou o lugar vago como dominante. Não podemos contudo excluir ainda a possibilidade de termos num *backcross* com um macho de palanca vermelha (ou até com o jovem macho errante de palanca negra – esta parece uma possibilidade remota, mas também a mais preocupante).

Tudo isto torna óbvio e incontornável o recurso à genética, para clarificar todas estas questões, e auxiliar na gestão e recuperação do grupo reprodutor ao mesmo tempo que se controla (e compreende) a evolução dos híbridos.

Os próximos meses prometem ser muito interessantes...

Cumprimentos,

Pedro

## ENGLISH VERSION

Dear friends,

The second trimester marks the end of the rains and beginning of the dry season. If I could choose this is clearly the least appealing of periods in the *palanca* woodlands. In April the climate is hot and moist, the rivers are over-flooding, the soils waterlogged and the fast growing grass is often impenetrable. All this makes the process of moving around across the region, a very painful exercise at best. Then the weather changes sharply as we enter May, when the rains come to a sudden halt. And throughout May and June, the most annoying factor is, no doubt, the long and hard dry grass. The dead grass blocks visibility, hiding tracks and roads while clotting the car's radiators and its sharp edges cut easily through human skin when we're on foot.

In any case we were entering a crucial phase in Cangandala, as the cows in the sanctuary completed the first 9 months of confinement in the company of our master bull, so from now on anything was possible... meaning calving of course! In the best case scenario they could calve in May, but I suppose that would be wishful thinking and it just hasn't happened yet. The animals must require some extra time to adjust to their new condition in semi-captivity and I'm confident that we will have our first pure calves in the next trimester.

In spite of this, there are some very promising signs that we registered on several visits. The first thing to note is that the females, although still packed together, seemed to be more sensitive and not allowing our approach as before (Photos 05, 06). In sharp contrast, the bull seems very relaxed while protecting the herd (Photos 02, 03, 04). Every time we approached the group, the bull would calmly stand in between us and the females while allowing them to quickly vanish into the thick forest. While providing us with some nice views of the bull, this became a very frustrating exercise as we were focusing on getting a clear view of the females. We did however obtained glimpses, and the overall impression was that they did look shiny, healthy and curvy... and on a few photos they do seem to be pregnant (Photo 07)...

On the other hand, the routine monitoring of hybrids (Photos 08, 09, 10) in the remaining park through the trap camera, revealed a big surprise: the hybrids may be capable of breeding after all! This was quite unexpected as we detected no evidence of it for the past few years. The first troubling record was a photograph of Anastacia (the first hybrid caught – also known as our *Judas* as she was the one who betrayed the herd during the capture operation), alone at one *salina* and showing a clearly swollen udder (Photo 13). It is still unclear if she did calve, but it strongly suggested breeding behavior and pregnancy (either successful or not). But the shocker wouldn't take long, when a sequence showing the remaining hybrid group, in which one of the older females was joined by a small two month calf (Photo 11). And as if to clarify any doubts we might had still, they clearly interacted, behaving like every mother and calf do (Photo 12). It's a fact: the hybrids are capable of breeding!

The immediate obvious question, to which I still don't have an answer, is: who the hell is the father of that little calf? Or, in other words, what sort of new hybrid do we have now? So far all hybrids were presumed to be F1's (the product of a cross sable X roan), but now we must have something else, either a F2 (hybridF1 X hybridF1), or a backcross (hybrid F1 X roan or sable). The later of course would result on an animal which will be 75% one species and 25% the other species. The implications of being one or the other type of hybrid can be relevant. While an F2 proves the hybrids can, at least occasionally, breed among themselves, a backcross poses an immediate and real threat of contamination into one of the parent species.

My gut feeling is that we're dealing with F2's, mainly because the hybrid group has been consistently seen escorted by an impressive hybrid bull (Photos 14, 15). In the past, the herd was lacking a mature "resident" bull, and this is what must have led the pure sable females to seduce roan bulls, but since last year this young hybrid bull grabbed the empty seat as dominant male. We shouldn't however rule out just yet, the possibility of having a backcross with a roan bull (or even with the stray sable bull – this seems a remote possibility but it is also the most worrying one).

All this makes it obvious and unavoidable the need for a serious genetic study, to clarify all these issues, and assist us to manage the recovery of the giant sable breeding group while controlling (and understanding) what is happening with the hybrids.

The following months should be interesting...

Best wishes,

Pedro